

humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



bém não reencontraram muito espaço para a personagem. Paralelamente à inspirações de natureza artística, o trabalho analisa ainda a forma como a historiografia dos séculos XIX e XX abordou e compôs a figura de Aspásia, de que se destaca o trabalho de Wilamowitz e a forma como relegou Aspásia para as notas (*Aristoteles und Athen*, 1893).

M. Henry conseguiu transformar um tema de parca informação historiográfica válida (sensatamente, a A. afirma: «I believe we must resist the impulse, however understandable, to fill in the many blanks at the same time as we remain open to the possibilities for her life. If it is not possible to precisely know her life course, perhaps it is not desirable to try», p. 128) num estudo que ultrapassa a existência real de uma personagem histórica e avança para a investigação no domínio da recepção que essa mesma personalidade conheceu ao longo da História. A solução e proposta de Henry merece, por isso, o nosso reconhecimento, visto que, apesar de por vezes denunciar a sua afinidade por escolas historiograficamente tendenciosas como as que se reconhecem nas que se inserem nos *gender studies*, concretizou uma possibilidade de sistematização do que é hoje possível sabermos acerca de uma das poucas mulheres gregas do período clássico, de quem conhecemos o nome e a importância política no seu tempo.

O estudo de Henry completa-se com uma bibliografia bastante exaustiva, onde marcam presença obras em língua inglesa, francesa e alemã, e um útil índice temático e antroponímico.

Nuno Simões Rodrigues

Neil s, Jenifer (ed.): *Worshipping Athena. Panathenaia & Parthenon*
(Madison, The University of Wisconsin Press, 1996) 249 p.

Este volume contém o essencial de uma série de comunicações apresentadas no âmbito da exposição *Goddess and Polis: The Panathenaic Festival in Ancient Athens*, apresentada no Hood Museum of Dartmouth College, em 1992, no Tampa Museum of Art, no Virginia Museum of Fine Arts e no Art Museum of Princeton University. Os simposios que então se organizaram, sob os títulos «Athens and Beyond» e «Parthenon and Panathenaia», reuniram historiadores, filólogos e arqueólogos para discutirem o tema do culto de Atena e das festividades em sua honra. Algumas dessas comunicações foram reunidas neste volume, que inclui ainda dois textos que não pertencem ao formato original: o de H.A. Shapiro, «Democracy and Imperialism» (215-225) e o de M. Tiverios, «Shield Devices and Column-Mounted Statues on Panathenaic Amphoras» (pp. 163-174).

Os textos estão organizados em três partes. Sob o título «Myth and Cult», encontramos um estudo de E. Simon sobre a figura de Teseu e a sua relação com

a religiosidade ateniense: «Theseus and Athenian Festivals» (pp. 9-26). Este estudo é particularmente importante visto que interpreta a representação conjunta das figuras de Apoio, Posidon, Ártemis e Afrodite no friso leste do Pártenon como uma evidência de que se trata de uma relação com a figura de Teseu, visto que aquelas são divindades relacionadas com o herói de Atenas. A articulação dos dados provenientes da arqueologia, da história da arte e dos textos são aqui exemplarmente tratados e demonstram uma vez mais a necessidade deste tipo de interdisciplinaridade em estudos sobre a Antiguidade. Ainda na mesma rubrica, N. Robertson estuda as festas atenienses, com particular atenção ao Erecteion (pp. 27-77). Em «Women in thè Panathenaic and other Festivals» (pp. 78-91), a conhecida autora M. Lefkowitz estuda a presença de outras figuras femininas na mitologia de Atenas, frequentemente subalternizadas pela importância de que a deusa tutelar se revestiu: trata-se das filhas de Cécrops, Aglauro e Pandroso. Este tipo de estudos parece-nos particularmente importante, visto que traz de novo à ribalta antigos cultos gregos que acabaram por ser assimilados pelas divindades e religiosidades que acabaram por se impor em períodos mais tardios.

A segunda parte do livro, «Contests and Prizes», reúne textos relacionados com as competições desportivas. O texto de A. Boegehold, «Group and Single Competitions at the Panathenaia», propõe a reconstituição de um fragmento de um dos frisos da Acrópole de Atenas a partir de uma competição local conhecida como *euandria* (pp. 95-105). Os estudos de D. Kyle e R. Hamilton incidem sobre a importância que a oliveira e o azeite tinham neste contexto. Estes parecem-nos também textos importantes pelo facto de fazerem a ponte com as questões económicas, fundamentais para a compreensão dos mecanismos de qualquer sociedade (pp. 106-162). O texto de Hamilton inclui mesmo um importante apêndice que lista as ânforas panatenaicas conhecidas, com as suas características iconográficas. E ainda nesta parte que se insere a lição de M. Tiverios, dedicada à iconografia da cerâmica panatenaica, mais em concretamente à representação dos símbolos de Atena, aqui plausivelmente relacionados com a economia da oliveira (pp. 163-174).

A terceira parte deste livro dedica-se a «Art and Politics» e reúne aqueles que consideramos os estudos mais pertinentes, uma vez que as manifestações artísticas são o que de mais evidente e «popular» existe do mundo antigo e que maior e impacte mais imediato tem nos tempos contemporâneos. A arte dos Gregos, como a de todas as outras culturas da Antiguidade, é um dos melhores veículos para os manter presentes no nosso quotidiano e dos que, hoje, se supõem deles distantes. Os estudos de J. Neils, a organizadora da colectânea, e de E. Harrison são dedicados aos frisos do Pártenon, de longe o monumento grego mais conhecido. Neils mantém a interpretação tradicional de que «o friso das Panateneias» se refere a isso mesmo, à procissão em honra de Atena (pp. 177-197), contradizendo assim a tese de J. Connelly, para quem poderá tratar-se de uma

alusão ao mito de Erecteu (p. 4). De igual modo, E. Harrison critica a posição de Connelly, quanto a nós convincentemente, afirmando que dificilmente se tratará de outra representação que não da *pompe* ateniense. Apesar de citado, o artigo de Connelly salienta-se pela ausência nesta colectânea, visto que dois dos textos o criticam e que ele se torna desse modo referencial. Talvez, portanto, devesse ter sido aqui incluído. O estudo final, de H. Shapiro, funciona como enquadramento histórico das Panateneias, tendo como referência temporal principal o tempo de Péricles (pp. 215-225). Por isso mesmo, deveria talvez ter aberto este conjunto de estudos.

O livro editado por J. Neils, que tem como principal mérito o estudo de um acto sócio-religioso de importância primordial para se compreender a cultura grega e a organização e mentalidades dos Gregos no seu período clássico, é enriquecido com índices de passos citados e temático e bibliografia actualizada. Os vários estudos são também acompanhados de várias ilustrações, onde se podem ver exemplos de frisos arquitectónicos e de cerâmica grega relacionada com as Panateneias.

Nuno Simões Rodrigues

HOMERO, *Odisseia*. Introdução e tradução de Frederico Lourenço (Lisboa, Livros Cotovia, 2003) 399 p.

A *Odisseia* nesta nova roupagem de verso solto, ritmado e de fôlego amplo é convite à leitura e leva-nos embalados na fruição ritmada do texto e das descrições e episódios do poema.

Corriam em Portugal duas versões da *Odisseia*, uma publicada pela Europa-América, feita a partir de uma tradução francesa, que não merece confiança; a outra, da autoria do Padre Alves Correia e depois significativamente melhorada pelo Padre Dias Palmeira, foi realizada directamente do texto grego, mas sobre ela passaram já cerca de cinquenta anos. E esse tempo, em obras como os Poemas Homéricos a respeito dos quais são publicados anualmente dezenas de estudos, alguns deles com avanços importantes para a sua compreensão, marca de forma determinante a tradução. Daí que seja de saudar a nova versão da *Odisseia*, da autoria de Frederico Lourenço, pensada para um público generalizado e não apenas para especialistas e filólogos. De forma efusiva o faço e explico de seguida as minhas razões.

A nova tradução -- publicada pelos Livros Cotovia, em excelente papel e boa qualidade gráfica, o que torna o próprio livro num objecto estético --, em vez de ser uma versão em prosa, como as anteriores, opta pela utilização do verso. Não se trata, no entanto, de um verso isossilábico, mas de versos abertos e flexí-